

RELATO

TRAJETÓRIA E RESILIÊNCIA DE UMA ACADÊMICA MIGRANTE

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137academicamigrante>



María Victoria Velásquez Calderón
maria.velasquez@unifesp.br

Bolsista venezuelana, doutoranda em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Mestre em Educação Superior pela Universidade Pedagógica Experimental Libertador (UPEL) e em Gestão Educacional pela Universidade de Yacambu, ambas na Venezuela. Professora na graduação, com trajetória acadêmica voltada à Cultura da Pesquisa, à Formação de Pesquisadores e à Pedagogia Hospitalar.

Foto: Minha mãe, Fabiana Aurora Calderón de Velásquez, em nossa viagem da Venezuela para o Brasil, 2023.

Trajectoria e resiliência de uma migrante acadêmica

The trajectory and resilience of an academic migrant

The trajectory and resilience of an academic migrant

Sou María Victoria Velásquez, professora universitária venezuelana com mais de quinze anos de experiência na formação de professores. Hoje, curso o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e resido em Guarulhos (SP), de onde escrevo essas *linhas*. Minha história de migração não é a de quem parte com tudo resolvido, mas sim a de quem reconstrói seu caminho com o que traz consigo: uma sólida formação, uma resiliência forjada em anos de adversidades, inclusive as institucionais, e a convicção de que a educação pode ser um território de encontro e resistência, mesmo quando tudo ao redor parece desmoronar.

É inegável que escrever me provoca ansiedade, pois exige que eu olhe para dentro de mim e relembre as experiências vividas. É como reviver meus conflitos internos, que em algum momento me causaram um tremor que ainda persiste. Narrar minha própria história como migrante, repleta de sonhos, incertezas e inquietações, é abrir uma caixa de memórias que dói revisitar, mas que também guarda fragmentos de quem eu fui e de quem sou agora. Cada palavra escolhida pulsa como um batimento entre duas terras: a que deixei e ainda anseio, e a que me recebeu e está me acolhendo.

Minha migração não foi apenas física, mas foi também uma migração narrativa: precisei aprender a contar de mim, para os outros e para mim, a mesma história, em outro idioma, em outro contexto, com uma perspectiva diferente sobre mim.

Migrar também me permitiu ter a oportunidade de compartilhar e aprender com outras culturas, um sonho que acalento desde a graduação. Esse aprendizado tem sido uma experiência enriquecedora, inestimável e revigorante: o convívio com pessoas de outros países, a oportunidade de aprender uma nova língua, de descobrir outros costumes, de ampliar meus horizontes e expandir minha forma de pensar.

Não posso negar que emigrar implicou uma renúncia íntima e múltipla, pois deixei para trás não apenas um território, mas também uma paisagem emocional construída ao longo de décadas. Significou separar-me dos meus filhos, do meu marido e da universidade que, durante quinze anos, foi o meu espaço de trabalho e de pertencimento. Esta decisão, longe de ser impulsiva, foi um ato consciente de coragem em prol da continuidade profissional e acadêmica, em que cada pequeno avanço burocrático ou intelectual foi vivido como uma conquista pessoal, e cada amanhecer longe dos meus entes queridos foi também um passo rumo à reinvenção do meu lugar no mundo.

Desafios e obstáculos

Os desafios e obstáculos que encontrei estavam presentes desde o momento em que decidi emigrar e foram colocados diante de mim logo nos trâmites administrativos e econômicos. Deixei a Venezuela em março de 2023, convencida de que essa era uma possibilidade real. Eu tinha em mãos uma bolsa de doutorado do Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB) de Mobilidade Internacional, que oferece bolsas de mestrado e doutorado em 58 universidades brasileiras, com apoio de diversas organizações internacionais.

Com o passaporte e a bolsa em mãos, acompanhada da minha mãe, uma mulher de 79 anos, vim para o Brasil. Nossa viagem não foi um voo direto, mas uma viagem de carro de mais de 24 horas. As adversidades políticas e financeiras que caracterizavam a vida na Venezuela durante o período e a todos atingiam, nos exigiam uma viagem econômica, sem gastos e uma jornada que nos trouxesse ao Brasil sem saber como faríamos quando chegássemos. Com isso quero dizer que nossa jornada foi marcada pela falta de recursos financeiros, escassez de alimentos, impossibilidade de encontrar previamente um imóvel no Brasil, para alugar antes de sair do meu país, pela falta de transporte, por problemas com documentos e barreiras linguísticas e, juntamente com tudo isso, também tivemos que lidar com a burocracia da imigração que, além de lenta, por vezes *beirava o absurdo*. Já no Brasil, descobri que nossa experiência se assemelha à de outros migrantes, outros pesquisadores e colegas de outros países relatam histórias semelhantes, e convém refletir sobre por que essas histórias são recorrentes.

Chegamos no Brasil por terra, pelo estado de Roraima, e depois pegamos um voo de Boa Vista até Guarulhos, onde, por exemplo, não sabíamos em que local dormiríamos em nossa primeira noite. Ou seja, nossa única certeza era a de que por trás dessa oportunidade acadêmica havia uma chance de mudança de vida.

Após me instalar em Guarulhos, São Paulo, ingressei na UNIFESP e fui recebida pela coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, que me ajudou a resolver alguns procedimentos de admissão e me acompanhou em uma visita pelo campus, mostrando-me a biblioteca, o restaurante universitário, o serviço médico e outras instalações. Essa mediação institucional foi fundamental para o meu primeiro contato com uma rede de apoio que não estava descrita em nenhum manual, mas que se desenvolveu gradualmente ao longo do tempo.

Essa rede cresceu com a chegada de colegas e professores que me ofereceram abrigo — literal, emocional e afetivo. O apoio de uma professora de português foi essencial para superar meu medo de me comunicar com outras pessoas. Posteriormente, os cursos de língua portuguesa para estrangeiros na UNIFESP me permitiram participar de discussões acadêmicas mais complexas e alcançar uma melhor integração.

Nas primeiras semanas no Brasil, outro desafio foi a obtenção dos documentos de imigração, essenciais para lidar com diversos procedimentos e para garantir minha permanência legal no país. Isso me obrigou a comparecer várias vezes à Polícia Federal para solicitar o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE). No entanto, a cada visita surgiam novas exigências documentais, o que transformou o processo em um verdadeiro ciclo vicioso. Somente após dois meses, consegui regularizar minha situação imigratória e abrir uma conta bancária. Tudo isso ocorreu em meio a um cenário de incerteza econômica e tensão administrativa, o que me ensinou que a perseverança é uma forma de inteligência prática.

Essa experiência me levou a refletir sobre como a dinâmica diária dilui nossas fronteiras e reconhecer que, no meu país, minha energia estava focada em manter minhas atividades de ensino e pesquisa, apesar da extrema escassez e das deficiências estruturais. Realizar esta pesquisa de doutorado no Brasil me permitiu redirecionar essa energia para a produção acadêmica.

Hoje, no meu terceiro ano de estudos, tenho conseguido progredir, publicar artigos científicos, apresentar trabalhos em simpósios internacionais, coordenar projetos de conclusão de curso, participar de cineclubes e conhecer estudantes internacionais. Os vínculos construídos na UNIFESP e no Programa de Pós-Graduação me proporcionaram um espaço não apenas para fazer pesquisa e estudar, mas também para continuar lecionando, aprendendo a língua, conhecendo e me relacionando com as pessoas e com um mundo que é maior que os limites institucionais, os quais não são apenas físicos ou geográficos, mas também traçados pelo tempo histórico, político e afetivo.

Então, por que contar essa história? Para testemunhar que a migração acadêmica nem sempre é tranquila ou simples. Que por trás de um doutorado existem corpos que sentem o frio, mentes que têm dúvidas e receios, mas também desejos, esperança e histórias que carregam o peso da própria história. Assim, compartilhar a minha/ as nossas histórias não é uma busca por compaixão, mas trata-se de tornar visível um fenômeno que exige respostas institucionais mais sensíveis e protocolos de acolhimento mais humanos.

O que aprendi com essa experiência até agora?

Aprendi que nem todos os processos são iguais para todos e que cada contexto tem sua própria dinâmica para gerenciar os procedimentos de imigração, sendo necessário que programas semelhantes ao que me trouxe até aqui, contenham também protocolos prévios de reconhecimento que permitam que tanto as instituições que recebem quanto os estudantes internacionais possam ter possibilidades alternativas de acolhimento nos primeiros dias, assim como contar com a orientação necessária na busca de um teto e da nova documentação.

Aprendi que cada experiência vivida e obstáculo superado foi uma oportunidade de aprendizado e crescimento, o que me permitiu explorar meus limites e revelar meus pontos fortes.

Aprendi a pedir ajuda quando necessário, a não desistir e a persistir até realizar o planejado e o sonhado.

Aprendi a enfrentar com coragem os momentos de incerteza.

Aprendi a receber e apenas agradecer, mesmo sem poder oferecer nada em troca.

Aprendi que, apesar das circunstâncias, não estamos sozinhos, e confirmei isso quando uma rede de apoio se formou, tornando-se o alicerce emocional e prático capaz de amortecer os impactos da burocracia e da distância.

Essa experiência me mostrou que, no ambiente acadêmico, onde o individualismo é frequentemente enfatizado, também é possível aprender que o progresso pode ser alcançado com o apoio de outros, o que se revelou uma lição mais profunda e humana.

Ao longo desses três anos foram muitas *aventuras*. Dias de incertezas, dificuldade e também de descobertas e muita alegria. A experiência não apenas me permitiu crescer profissionalmente, mas também me ensinou que a solidariedade acadêmica existe, que pontes são construídas com gestos concretos e que, como diria a filósofa Martha Nussbaum (2012), as capacidades humanas se realizam em contextos que as tornam possíveis, porque migrar, no fim das contas, não é apenas cruzar fronteiras, mas aprender a habitar os espaços intermediários, aqueles em que a resistência se torna resiliência e a resiliência, uma possibilidade.

Para mim, migrar foi um ato de reafirmação pessoal e profissional. Ao migrar, abracei o desejo de mudar e, principalmente, de reencontrar um lugar onde minha profissão tivesse significado, onde os recursos não fossem um luxo e onde minha voz como pesquisadora pudesse dialogar com outras vozes. Esse é um desejo que também exige de mim, que me faz proativa, que me lança à busca e exige de mim resiliência e esperança.

Não nego as dificuldades e os obstáculos que encontrei e ainda encontro neste árduo caminho, mas escolho narrá-los a partir do lugar de quem os transforma em aprendizado. Cada desafio superado me lembra que a educação é, acima de tudo, um ato de confiança no futuro e nos outros.

María Victoria Velásquez Calderón
Bairro do Pimentas, Guarulhos (SP), 16 de janeiro de 2026.

Referência

Nussbaum, M. (2012). *Crear capacidades. Propuestas para el desarrollo humano*. Madrid: Paidós.

COMO CITAR ESSE TEXTO

Calderón, M.V.V. (2026). Trajetória e resiliência de uma acadêmica migrante. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 12, n.1, 168-177. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137academicamigrante>

RECEBIDO EM:17/01/2026
APROVADO EM: 26/01/2026